

RELAÇÃO ENTRE FLUÊNCIA LEITORA E COMPREENSÃO TEXTUAL*

Relationship between reading fluency and textual comprehension

Alneci do Rego Monteiro Morales¹, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros²

¹Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS), Professora de língua portuguesa do Ensino Básico da Secretaria Estadual de Mato Grosso.

E-mail: alnecimonteiro@gmail.com

²Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. *E-mail:* adrianadebarros@uems.br

Data do recebimento: 14/10/2022 - Data do aceite: 01/02/2023

RESUMO: A fluência leitora é a capacidade de ler com precisão, ritmo e expressão adequados, o que possibilita ao leitor saber lidar com o texto de forma eficiente. Desenvolver essa habilidade representa um dos grandes desafios das escolas e constitui tema largamente abordado nos meios acadêmicos. Formar leitores proficientes não é uma tarefa fácil, por isso, muitos estudiosos têm se dedicado à missão de entender como se dá esse processo, com o intuito de contribuir com o ensino da leitura. O desenvolvimento da habilidade leitora envolve processos fundamentais, como a decodificação, a compreensão e a capacidade de interação com o texto escrito em diferentes situações. Dessa forma, esse artigo tem como objetivo fazer uma análise reflexiva sobre a relação entre a fluência leitora e a compreensão textual, e entender de que forma a fluência leitora pode contribuir para a compreensão textual.

Palavras-chave: Fluência leitora. Compreensão textual. Leitor autônomo.

ABSTRACT: Reading fluency is the ability to read with accuracy, rhythm and adequate expression, which allows the reader to know how to deal with the text efficiently. Developing this skill represents one of the great challenges of schools and is a widely discussed topic in academic circles. Training proficient readers is not an easy task, so many scholars have dedicated themselves to the mission of understanding how this process takes place, in order to contribute to the teaching of reading. The development of reading skills involves fundamental processes such as decoding, understanding and the ability to interact

with the written text in different situations. Thus, the aim of this article is to make a reflective analysis of the relationship between reading fluency and textual understanding and to understand how reading fluency can contribute to textual understanding.

Keywords: Reading fluency. Textual comprehension. Autonomous reader.

Introdução

A formação de alunos proficientes em leitura e escrita é um dos grandes desafios da educação em todo o mundo. Nessa perspectiva, o Brasil tem se mostrado aquém das médias mundiais. Prova disso são os dados do Saeb de 2019, os quais mostram que apenas 36% dos estudantes eram proficientes em português. Isso configura um número muito baixo, levando-se em consideração a importância dessas habilidades para exercer de forma eficiente os vários papéis sociais aos quais as pessoas, de forma geral, estão submetidas.

Os resultados das avaliações externas têm mostrado que as escolas brasileiras não estão conseguindo formar, com êxito, leitores com esse nível de desenvolvimento. Essa realidade é preocupante, pois encontrar a solução não é uma tarefa fácil; responsabilizar um ou outro também não ajuda em nada. Ainda assim, é necessário pensar em mudanças urgentes; mudanças que possibilitem o desenvolvimento das habilidades leitoras, bem como viabilizem para os estudantes o exercício de sua cidadania, de forma a desenvolver neles a consciência de seu papel social.

Grande parte dos alunos brasileiros não possui o hábito da leitura, mostrando-se resistentes ao desenvolvimento da prática de leitura. Esse fato pode ser compreendido como uma defasagem importante, no que se refere à dimensão da leitura nas teorias relacionadas aos multiletramentos, por exemplo, já que isso interfere nas produções de sentido, sejam elas de caráter social ou de cunho particular.

Segundo dados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2019, existem cerca de 100 milhões de leitores, que compõem 52% da população. Os maiores índices estão circunscritos entre os leitores de faixa etária de 5 a 10 anos. Esse percentual vai diminuindo consideravelmente conforme aumenta a faixa etária, visto que os leitores de 14 a 17 anos, bem como aqueles de 18 a 24 anos são os que apresentam maior percentual de queda. Os leitores entre 5 e 10 anos de idade indicam o gosto pela leitura como principal fator que os motivam a ler; já alguns dos entrevistados apresentam algumas dificuldades para realizar a leitura, entre elas estão aqueles que não sabem ler (4%), aqueles que leem muito devagar (19%), os que não têm concentração suficiente para o exercício da leitura (13%) e aqueles que não compreendem a maior parte do que leem (9%).

A partir desses dados, é possível observar que, no início da alfabetização, as crianças apreciam a leitura. Entretanto, esse gosto vai diminuindo conforme aumenta a faixa etária, o que nos leva a questionar, assim como refletir sobre as causas que tendem a motivar o abandono da leitura. Esses questionamentos e reflexões apontam para a necessidade de se pensar como a escola pode atuar naquilo que se refere à continuidade da leitura, não somente como prática curricular, mas sobretudo como fruição, uma vez que o intuito seria barrar a queda da prática de leitura nas faixas etárias relativas aos adolescentes, aos jovens e aos adultos.

Contudo, estabelecer uma cultura de leitura não é uma tarefa simples e rápida, já

que exige o desenvolvimento de um trabalho colaborativo e exaustivo entre todas as esferas pertinentes ao ensino, especialmente daquelas diretamente envolvidas nesse processo: o professor e o aluno. Formar leitores é contribuir na formação de cidadãos, portanto, essa formação configura-se em uma função social imprescindível, a qual cabe à escola desempenhar.

Tomando como base a resposta dos entrevistados a respeito das dificuldades da prática de leitura, foi possível constatar como a falta de desenvolvimento das capacidades cognitivas da leitura comprometem a continuidade dessa prática, já que muitos dos entrevistados afirmaram ter dificuldades em realizar a leitura por não terem domínio das habilidades leitoras. Esses dados mostram que um dos empecilhos para o desenvolvimento do hábito da leitura é a falta de fluência leitora, o que repercute diretamente na capacidade de compreender o texto lido.

A fluência leitora é a capacidade de ler com precisão, ritmo e expressão adequados, o que possibilita que o aluno desenvolva a capacidade de saber lidar com o texto de forma eficiente, conseguindo extrair dele os sentidos. Não é raro, nas escolas brasileiras, alunos chegarem aos anos finais dos ensinos Fundamental e Médio com dificuldades importantes no que diz respeito à leitura, tanto no aspecto da fluência leitora quanto em relação à compreensão. Essas dificuldades, muitas vezes, causam constrangimentos e geram desmotivação para a prática da leitura, fazendo com que essa prática seja desenvolvida cada vez menos. Essa realidade é muito preocupante, tendo em vista que a leitura é parte fundamental para a aprendizagem básica, assim como necessária para a aquisição de outros saberes.

Nesse sentido, como a fluência leitora é um tema de grande relevância para o ensino da leitura, o objetivo desse artigo é enfatizar a

importância do desenvolvimento das convenções da língua escrita nos níveis de ensino, buscando formas de contribuir e de adensar o desenvolvimento da fluência leitora.

Portanto, para embasar este estudo, tornam-se necessárias algumas reflexões sobre o tema, as quais estarão fundamentadas naquilo que já foi estudado e naquilo que postulam os documentos oficiais sobre a temática.

Revisão teórica

A leitura, de acordo com Mariângela Stampa (2009, p. 420), “é um processo de aquisição da ‘lectoescrita’ e, como tal, compreende operações fundamentais: a decodificação e a decifração/compreensão.” Segundo a autora, a decodificação ocorre por meio do conhecimento do alfabeto e da leitura oral, ou ainda por meio da transcrição de um texto. Quando bem trabalhada, essa etapa pode resultar no desenvolvimento da fluência leitora, ou seja, na habilidade da leitura de um texto com precisão e rapidez. Isso porque um leitor fluente, quando lê em silêncio, reconhece automaticamente as palavras, extraíndo do texto, sem muitas dificuldades, o sentido do que é lido. Já quando esse leitor desenvolve uma leitura oral, ela acontece sem esforço e com expressão característica, uma vez que esse sujeito leitor possui maior intimidade no que se refere reconhecimento das palavras, o que implica em um domínio da prosódia.

Sendo assim, a fluência leitora constitui não só a capacidade de ler com precisão, ritmo e expressão adequados, mas também constitui possibilidade para que o aluno interaja com o texto de forma eficiente, conseguindo extrair dele os sentidos. Ademais, para que o leitor seja considerado fluente, ele deve desenvolver adequadamente as três dimensões da fluência em leitura: capacidade de decodificar palavras, processamento automático (velocidade) e prosódia. Portanto,

um leitor fluente terá a capacidade de ler, em voz alta, de uma forma rápida, precisa e expressiva.

Essa fluência contempla a precisão, a automaticidade e a prosódia; tríade que deve estar articulada durante a leitura por meio do reconhecimento preciso, rápido e automático de palavras, bem como do ritmo e da entonação adequados. Para as autoras Lúcia Fulgêncio e Yara Goulart, a leitura fluente acontece através de um processamento parcial do material visual, completada pelas previsões.

Conduzido pelas previsões, o leitor não vê letra por letra de cada palavra nem mesmo todas as palavras do texto. Nas situações em que é possível prever a ocorrência de determinada letra ou palavra, o leitor simplesmente passa por cima da forma visual, completando com suas previsões a informação presente naquele trecho. (FULGÊNCIO; GOULART, 2014, p. 17).

Para as autoras, o leitor fluente não se concentra apenas no material visual para obter informações - ele formula previsões, as quais se articulam às suposições que se podem inferir no interior do próprio texto, fato possibilita compreender o texto mais rapidamente. Ainda, segundo as autoras (FULGÊNCIO; GOULART, 2014, p. 21), durante a leitura “o cérebro não precisa ver tudo o que está impresso no papel: ele pode prever parte da informação, e saltar aqueles trechos que podem ser completados sem a necessidade de intermediação da visão.” De acordo com essa perspectiva, uma leitura realizada de forma muito vagarosa pode comprometer seriamente a compreensão. Sobre isso, as autoras esclarecem que:

O que se pode dizer é que numa leitura muito lenta, em que o leitor dá muita atenção a detalhes e não consegue processar mais do que poucas letras, palavras ou conceitos individualmente, o significado

global do texto pode se perder definitivamente. A leitura deve ser, portanto, relativamente rápida. Mas não indiscriminada. [...] Em outras palavras, a leitura é mais eficiente na medida em que o leitor consegue compreender o texto captando porções maiores de informação em cada fixação. (FULGÊNCIO; GOULART, 2014, p. 26).

Entende-se, dessa forma, que o leitor precisa desenvolver a habilidade de selecionar as informações mais importantes do texto e acrescentar a elas suas previsões. Assim, o leitor pode, através do reconhecimento da estrutura das palavras, associar um significado a elas a partir de apenas algumas pistas. Ângela Kleiman (2001, p. 35) afirma que “o leitor eficiente não lê palavra por palavra, seguindo, metaforicamente, o seu dedo na linha.” Ao contrário, ele fixa os olhos em um determinado ponto para depois fixar-se num outro ponto mais adiante e, quando achar necessário, pode retroceder para recuperar alguma informação. Isso significa dizer que o leitor eficiente consegue controlar seu próprio processo de compreensão. Nesse sentido, ainda segundo Kleiman (2001):

O aluno que lê vagarosamente, sílaba por sílaba, terá dificuldade para lembrar o que estava no início da linha quando ele chegar ao fim. Ele, deve, portanto, ser capaz de reconhecer instantaneamente as palavras: se a palavra for a unidade conhecida, ele poderá ler mais rapidamente, conseguindo assim lembrar unidades passíveis de interpretação semântica. (KLEIMAN, 2001, p. 36).

Dessa forma, o leitor precisa desenvolver a habilidade de decifrar letras e palavras quase que concomitantemente com a ativação de conhecimentos semânticos e pragmáticos. Portanto, o professor, principalmente do leitor iniciante, precisa ajudá-lo a estabelecer previsões mediante as diversas

abordagens prévias à leitura, dando destaque às palavras-chave do texto e possibilitando o reconhecimento delas, de forma rápida ou até instantaneamente.

O desenvolvimento da fluência leitora é uma habilidade complexa, que exige trabalho sistemático e persistente da escola. Embora seja uma habilidade necessária para que o leitor tenha autonomia, percebe-se que os documentos oficiais, que regulamentam a educação no Brasil, ainda não dão a devida ênfase a essa habilidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 41) apresentam a seguinte orientação a respeito da leitura fluente: “a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência.” De acordo com o documento, saber utilizar os conhecimentos prévios durante a leitura é uma estratégia necessária para o desenvolvimento da fluência leitora, pois, dessa forma, o leitor não precisa se pautar unicamente nas palavras do texto para extrair sentidos.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) do Ensino Fundamental dispensa um pouco mais de ênfase ao tema ao incluir três habilidades que fazem referências diretas ao desenvolvimento da fluência leitora.

(EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização. (BNCC, 2017, p. 99).

(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado. (BNCC, 2017, p. 113).

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas [...] expressan-

do a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc. [...] empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão ia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado. (BNCC, 2017, p. 161).

A BNCC estabelece que o estudante adquira a fluência leitora na alfabetização, sendo capaz de ler palavras com precisão na decodificação. Nos 4º e 5º anos, espera-se que o aluno leia com autonomia e fluência textos curtos e adequados ao nível escolar. Já nos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, o estudante precisa ser capaz de ler textos literários diversos, como contos, romances, poemas, bem como expressar compreensão por meio de uma leitura expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações e a entonação. Esta última habilidade faz referência à prosódia, uma das três dimensões da fluência leitora.

No entanto, o que se observa na prática é que a BNCC estabelece um padrão que destoa da realidade da grande maioria dos estudantes brasileiros, os quais, infelizmente, ingressam no Ensino Médio sem atingir esses níveis de fluência e de autonomia demandadas pela prática de leitura. Considerando o fato, mudar essa realidade é o grande desafio da educação brasileira.

Dimensões da fluência de leitura

A fluência em leitura é percebida através da precisão, da automaticidade e da prosódia. A precisão é a habilidade para decodificar corretamente as palavras no texto; a automaticidade se refere à habilidade para decodificar palavras no texto com o mínimo de esforço e com velocidade adequada; já a prosódia é a habilidade para aplicar adequadamente os traços prosódicos à leitura das sentenças e dos parágrafos.

Precisão

A precisão se desenvolve através do reconhecimento das palavras vigentes no léxico do uso social. Por isso, os alunos precisam identificar os sons representados pelas letras, bem como a combinação desses sons e dessas letras, já que esse processo de reconhecimento morfológico está interiorizado no falante da língua materna, mesmo que ele desconheça os processos formais que constituem sua articulação. O reconhecimento de um vocábulo da língua está ligado aos processos morfológicos, mas também à sua existência social dentro da comunidade linguística. Quando o aluno apresenta uma baixa precisão no reconhecimento de palavras, isso pode repercutir negativamente na compreensão da leitura, uma vez que deixa em descoberto sentidos socialmente veiculados.

A falta de precisão em leitura decorre, principalmente, por conta da dificuldade de decodificação, ou seja, quando o leitor não desenvolve plenamente a habilidade de identificação automática das palavras, o que acarreta em uma leitura de forma silabada, saltando e trocando as palavras. Isso fará com que ele dedique muito de sua memória no trabalho de decodificar as palavras, prejudicando o processo de compreensão. Nesse sentido, o processamento cognitivo do texto configura prejudicado.

Às vezes, a falta de precisão também pode ocorrer devido à complexidade da própria palavra, exigindo do leitor mais atenção ao pronunciá-la. Em algum momento, isso pode acontecer com qualquer leitor, inclusive com aqueles considerados leitores fluentes. Porém, quando essa situação não é apenas esporádica, mas frequente, o resultado é uma fluência fraca, o que compromete a compreensão.

Isso também não quer dizer que todo “erro” de precisão irá interferir na compreensão. Alguns erros, como, por exemplo, a troca de uma palavra por outra que significa no contexto, indicam que o leitor está compreendendo o texto e, por isso, é capaz de prever informações. Sobre isso, Kleiman (2001) declara que:

[...] a leitura de uma palavra que não está escrita, isto é, o que é considerado erro na leitura em voz alta, não reflete necessariamente um problema de compreensão: quando a palavra que o aluno substitui pela palavra do texto faz sentido, esse “erro” é sinal de o aluno estar prestando atenção ao significado do texto e não apenas à forma, justamente o objetivo do ensino da leitura para o qual o ensino da forma, do código, é apenas instrumento. (KLEIMAN, 2001, p. 36).

Dessa forma, o leitor que consegue fazer essas substituições de palavras, sem alterar seu sentido durante a leitura em voz alta, já possui um nível satisfatório em proficiência leitora, visto que ele consegue usar seus conhecimentos linguísticos para fazer predições sobre as ocorrências possíveis. Porém, afirma Kleiman (2001, p.39), “se o texto apresentar outras dificuldades, como o desconhecimento do assunto ou grande quantidade de palavras desconhecidas, a compreensão se torna praticamente impossível.”

Por isso, é importante que esse leitor se familiarize com estratégias diversificadas

de leitura, para que ele consiga chegar ao objetivo final, que é a compreensão. Kleiman (2001) sugere a releitura, a busca pelo significado de palavras-chave, ou a produção de resumo. Segundo ela, o leitor precisa detectar o que está provocando a falta de compreensão e, a partir disso, adotar medidas para solucionar o problema. Ainda para a autora (2001, p. 50), “a realização desses diversos comportamentos faz-se primeiro necessário que ele esteja ciente de sua falha na compreensão.”.

Nota-se, portanto, que para que o leitor seja capaz de realizar esses procedimentos, ele precisa antes ter recebido o ensino adequado, fato que situa a escola como importante espaço para a formação de leitores, já que é nesse ambiente que o indivíduo tem acesso às diversas abordagens formais e estruturais que culminam na compreensão de um texto. Kleiman (2001, p. 51) afirma que “a característica mais saliente do leitor proficiente é sua flexibilidade na leitura. Ele não tem apenas um procedimento para chegar aonde ele quer, ele tem vários possíveis, e se um não der certo, outros serão ensaiados.” Dito isso, é preciso motivar a independência do leitor, pois quando ele já não estiver nos bancos da escola, saberá fazer uso consciente de meios que viabilizem a compreensão das leituras.

Automaticidade

A automaticidade é outro componente essencial da fluência leitora, e refere-se à capacidade de identificação do sistema ortográfico, bem como dos significados das palavras expressas no texto, de forma rápida. Ela utiliza poucos recursos de atenção, sendo resultado de prática prolongada.

João Batista Araújo e Oliveira Clifton Chadwick (2008, p. 162) esclarecem que para identificar automaticamente uma palavra é preciso, primeiramente, aprender a decodificar, uma vez que somente através da decodificação o leitor pode adquirir a

competência que lhe permite ler de forma automática. Para os autores, não basta identificar automaticamente uma palavra, é preciso identificar sequências de palavras dentro de um tempo determinado. Eles consideram que uma criança alfabetizada deve ser capaz de ler entre 60 e 100 palavras por minuto, e quando esse nível não é alcançado é porque essa criança apresenta dificuldades para ler, o que a faz cometer muitos erros, o que prejudica a compreensão da leitura.

Isso significa que a leitura é automática quando a atenção não é direcionada para o reconhecimento das palavras, mas para a construção do sentido do texto escrito. Em outras palavras, os leitores competentes reconhecem naturalmente as palavras armazenadas no seu léxico ortográfico, isso possibilita que o cérebro concentre sua atenção na compreensão.

Nessa perspectiva, Mary Kato (2004, p. 8) afirma que o “reconhecimento das formas será em grande parte determinado por processos inferenciais e de predições, ditadas pelo conhecimento linguístico e extralinguístico do leitor.” Isso significa que o leitor proficiente é capaz de compreender um texto sem precisar decodificar cada grafema. A autora (2004, p. 33) acrescenta que “na leitura proficiente, as palavras são lidas não letra por letra ou sílaba por sílaba, mas como um todo não analisado, isto é, por reconhecimento instantâneo e não por processamento analítico-sintético.”

Como já foi dito anteriormente, a leitura envolve dois processos cognitivos que exigem a atenção do leitor: a identificação de palavras e a sua compreensão. Quando o leitor aplica maior atenção à identificação de palavras, menor dedicação terá para a compreensão. Isso ocorre quando o leitor está em fase de aprendizagem ou quando, por alguma razão, não desenvolveu a proficiência leitora. Dessa forma, ele não será capaz de identificar a palavra de forma automática,

o que o fará recorrer a vários processos de reconhecimento das palavras e, assim, terá dificuldades para realizar os processos para a compreensão do texto.

A automaticidade é percebida através da velocidade com que é realizada a leitura, sendo assim, sua melhora indica o desenvolvimento da fluência. Ela surge simultaneamente à precisão e se amplia conforme o leitor vai se envolvendo na prática de leitura. Segundo Mary Kato (2004, p.39), a velocidade e a precisão dependem de a palavra lida estar registrada no léxico visual do leitor através da frequência com que já foi exposto a ela, do seu conhecimento linguístico e de sua capacidade de criar inferências, estas últimas responsáveis por conferir níveis de antecipação dos vocábulos ainda não vistos.

À medida que a automaticidade se desenvolve, o desempenho do leitor torna-se preciso e mais rápido. As autoras Lúcia Fulgêncio e Yara Liberato (2004) afirmam que uma leitura eficiente deve ser realizada de forma rápida e seletiva. Isso significa que o leitor deve ser capaz de selecionar no texto apenas as partes que contêm as informações mais importantes, e não se dedicar exclusivamente à decodificação para que possa alcançar a compreensão do texto lido. Os leitores fluentes identificam as palavras com níveis de precisão e de automaticidade mais eficientes e despendem maior atenção à compreensão.

Prosódia

A prosódia é um componente chave na fluência leitora. Ela implica na capacidade de se ler um texto respeitando a pontuação, com expressão adequada, entonação e fraseamento, a fim de manter a compreensão do texto. Ao desenvolver a leitura com volume, tom, ênfase, assim como com outros elementos da expressão oral, o leitor evidencia que está lendo e interpretando o texto.

A falta de fluência faz com que o leitor concentre os recursos cognitivos disponíveis na decodificação de palavras, realizando uma leitura hesitante e imprecisa, o que confere uma representação pouco clara do texto. Quando o leitor utiliza recursos prosódicos nas mensagens transmitidas por meio de uma correta entonação, dando ênfase às palavras e às frases, isso pode colaborar para a compreensão da mensagem escrita. João Batista Araújo e Oliveira Clifton Chadwick (2008, p. 162) afirmam que “uma leitura fluente é feita sem erros e com entonação que denota compreensão.”

A prosódia assemelha-se às características da língua falada, já que o leitor reconhece as palavras com automaticidade e lê com velocidade adequada, como faz naturalmente na fala. Portanto, a prosódia, no que diz respeito à leitura, envolve entonação, acento e intensidade, duração e pausas.

A entonação é importante para a construção dos sentidos, pois reflete o envolvimento do leitor com o texto, visto que ela é interpretada pelo ouvinte como informação constituída de sentido, porque por meio de suas variações, marcadas pelas subidas e descidas no tom da voz, é possível imprimir aos enunciados uma série de significações diferentes, o que permite assegurar o sucesso da interação entre leitor, texto e ouvinte.

As pausas, compreendidas como o espaço de tempo sem fonação entre uma oração e outra, também são importantes para a realização da leitura fluente, principalmente, para o entendimento do seu significado. Quando a frase lida não tem pausas, ou quando elas ocorrem em locais indevidos do texto, a leitura torna-se irregular e confusa. Além disso, as pausas na leitura são necessárias, porque elas são o momento em que o leitor pode armazenar ar nos pulmões para poder prosseguir a leitura, permitindo extrair sentidos mais aprofundados do texto. Essa

é a principal função da pausa, como afirma Irlandé Antunes (2003):

Que, na realização da leitura em voz alta (quando for o caso) orientações como “ler pausadamente”, “ler com boa pronúncia”, ler observando os sinais de pontuação”, e outras similares, sejam dadas não como valores em si mesmos, mas como recursos para que se facilite a compreensão de texto. (ANTUNES, 2003, p. 85).

Os sinais de pontuação exercem a função de marcadores prosódicos na língua escrita, pois representam as variações melódicas que podem existir em textos oralizados. Esses sinais podem orientar o leitor quanto à entonação e às pausas adequadas. Sobre isso, Irlandé Antunes (2003) afirma:

[...] os sinais de pontuação são isto mesmo – sinais – e, como tais, são instruções que auxiliam o leitor na busca do significado, das intenções e dos objetivos do texto e de cada uma de suas partes. O interessante seria que a pontuação fosse vista, sempre, como uma coisa relacionada ao sentido, à coerência do texto, isto é, como um recurso que facilita a compreensão. Por isso é que esses sinais são importantes. E, como sinais, uns são imprescindíveis – senão o sentido fica comprometido – outros são facultativos, pois são apenas enfáticos ou expressam um ponto de vista pessoal. (ANTUNES, 2003, p. 149).

Isso significa que os sinais de pontuação não são simples enfeites, mas servem para indicar os valores semânticos de cada enunciado, sendo uma das formas que direciona a forma como o leitor deve proceder diante do texto. Em outras palavras, os leitores fluentes compreendem e cumprem as marcas de pontuação, sabendo que tipo de pausa e de entonação precisam utilizar.

O acento e a intensidade também são componentes da prosódia. A acentuação é

importante na pronúncia e serve para auxiliar a representação escrita da linguagem. Para que as palavras sejam proferidas corretamente, é necessário conhecer os seus sons, imprimindo maior ou menor intensidade conforme a sílaba tônica. Irlandé Antunes (2003, p. 85-6) afirma que “aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática.” Sendo assim, a correta emissão de palavras, respeitando a posição da sílaba tônica, é essencial para a compreensão. Essa abordagem é muito importante para o desenvolvimento da fluência leitora, uma vez que constitui condição necessária para desenvolver o domínio da prosódia.

Em síntese, uma leitura prosódica demonstra compreender as indicações fornecidas pelo texto, como os sinais de pontuação e a acentuação gráfica. Envolve, ainda, a compreensão da combinação das palavras, bem como das relações existentes entre elas, naquilo que se refere à produção de sentidos.

Portanto, a escola deve insistir, assim como dispensar maior importância no trabalho com a prosódia, com a pontuação e com o vocabulário, pois são conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento da leitura, visto que as palavras e os sinais que estão na superfície do texto configuram-se como elementos essenciais para a sua compreensão.

Considerações Finais

Conforme discussão neste artigo, a leitura é uma habilidade imprescindível para a formação humana e, embora se apresente desafiadora devido a sua complexidade, é extremamente necessária para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade.

A aquisição da leitura é essencial para agir com autonomia nas sociedades letradas. No

entanto, o Brasil registra nível mínimo de leitura, ou seja, grande parte dos alunos brasileiros não entendem o que leem, de acordo com os dados do último PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) de 2018, que mede o desempenho de alunos na faixa etária entre 15 e 16 anos.

Esses dados indicam que o trabalho com a leitura deve ser contínuo, se estendendo tanto nos anos do Ensino Fundamental e Médio como nos diversos componentes curriculares. Muitos alunos conseguem desenvolver suas habilidades leitoras sem muitas dificuldades, porém, há um número considerável de alunos que, devido a uma série de fatores, encontram dificuldades para adquirir as competências

leitoras. Essa realidade não pode ser ignorada, por isso, o trabalho com a leitura não pode se restringir aos primeiros anos de escolaridade, já que formar leitores competentes é formar as bases para que as pessoas continuem a aprender durante a vida toda.

O desenvolvimento da habilidade de fluência leitora depende de prática e de estímulos. Portanto, a escola precisa insistir na abordagem dos aspectos fonológicos, bem como desenvolver trabalhos focados no vocabulário, na pontuação e na prosódia, a fim de estabelecer um constructo teórico e prático sólidos para a formação de bons leitores, almejando proporcionar a emancipação desses sujeitos sociais.

NOTAS

* Trabalho selecionado durante o evento III CoBICET - III Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, realizado em 2022.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. Explorando a leitura. *In: Aula de Português: Encontro & Interação*. São Paulo Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, J. B.; CHADWICK, O. C. **Aprender e ensinar**. 9. ed. Belo Horizonte: Instituto Alfa e Beto, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1998
- BRASIL. Instituto pró-livro. **Retrato da leitura no Brasil**. 5. ed. 2019.
- FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. G. **Como facilitar a leitura**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 108p.
- INEP. **Sistema Nacional de Avaliação Básica – SAEB**, 2019. Brasília. Disponível em: <https://download.inep.gov.br>.
- KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- STAMPA, M. **Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem teórica e prática a partir da consciência Fonológica**. Rio de Janeiro: Walk Ed. 2009